



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES,
UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 105

ABRIL 1976

ANO XI



NESTE NÚMERO:

INVENCÍVEL BANDEIRA DE LUTA • REGIME MILITAR NA ARGENTINA
CONGRESSO DE EMBUSTEIROS • POLÍTICA DE FOME



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Mauricio Grabois

EXACERBAÇÃO FASCISTA

Cada vez mais exasperada, a ditadura prossegue na escalada repressiva. Vê fantasmas por todos os lados e perigos por todos os cantos. Na ânsia de defender o sistema condenado pela maioria da nação, repisa velhos slogans e tenta intimidar opositores.

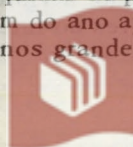
Nestas últimas semanas, cassou o mandato de mais três deputados federais, entre os quais Lisâneas Maciel, combativo parlamentar emedebista; reforçou a censura ao rádio e à televisão; proibiu palestras e conferências de democratas; prendeu estudantes e vários jornalistas ou intimou-os a depor no DOPS; cerceou atividades estudantis.

Em particular, a fúria voltou-se contra elementos do MDB. A menor crítica ao Sistema, de parte dos membros dessa agremiação moderada, é tida como ofensiva e inadmissível. Vigiam-se os passos e os discursos de seus representantes mais ousados com o objetivo de enquadrá-los no AI-5. Embora a direção desse partido não se canse de repetir que jamais fez contestação, o governo ataca-o constantemente e declara-o a serviço do saudosismo e da subversão.

E as coisas não param por aí. Os militares andam de cara amarrada e espalham notícias alarmistas de cassações em massa, de suspensão das eleições municipais, de censura mais rigorosa, até mesmo de fechamento do Congresso. 'Não permitiremos desafios', é o que se ouve frequentemente dos círculos castrenses, ainda que não haja provocações.

A causa dessa exacerbação fascista é o agravamento continuado da situação econômico-financeira do país, o completo fracasso da política e dos planos ditatoriais. O 'milagre' brasileiro resultou num fiasco. Agora, acentuam-se a queda na produção, os déficits no balanço de pagamentos, a inflação, acompanhados de desemprego, carestia e rebaixamento do nível de vida das grandes massas. A crise assume vasta dimensão e está apenas no começo. Em consequência, o descontentamento entre a população se estende, assim como a repulsa generalizada ao regime antinacional e antipopular.

Os generais temem o extravasamento desse descontentamento que põe em xeque a existência do Sistema, receiam o crescimento incontrolável das forças de oposição, mesmo da consentida. Tratam por isso de impedir quaisquer manifestações do sentimento do povo e de liquidar os prováveis centros polarizadores da aversão ao regime. As eleições do fim do ano aparecem-lhes como sério risco, uma vez que seu resultado, sobretudo nos grandes centros, está destinado a ex-



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

primir repulsa maciça ao governo. Daí, as arremetidas repressivas e as ameaças de maior endurecimento no campo político, ameaças que se podem efetivar.

Apesar de pretender demonstrar força, esse frenesi governamental reflete medo. Medo que os generais têm de perder o controle da situação, de ver sossobrar o barco avariado da quartelada de 1º de abril de 1964. Em desespero, brandem as armas, confabulam nas casernas e apregoam que a 'revolução' vai continuar, custe o que custar. Todavia, nenhum regime se sustenta apoiado somente na força. É uma lei da história.

O povo brasileiro quer acabar com o arbítrio que conduziu o Brasil a uma situação calamitosa. Não se deixará amedrontar nem impressionar com a truculência de Geisel e seus sequazes. Intensificará sua unidade e sua luta, arvorando a bandeira da liberdade e da independência nacional, defendendo seus interesses vitais: Mais forte que a reação é um povo decidido a conquistar seus direitos.

Basta de generais! Basta de ditadura!

INVENCÍVEL BANDEIRA DE LUTA

12 de abril assinala mais um aniversário do início da resistência armada do sul do Pará. Em 1972, nessa data, tropas do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar de Goiás e do Pará, numa vasta operação, atacaram moradores da região do Araguaia. Estes, que desde há muito vinham lutando contra os grileiros armados para defender suas vidas, enfrentaram corajosamente a ditadura. Com seu denodo escreveram uma das mais belas páginas das lutas populares no Brasil.

A vasta operação militar, montada com requintes de perversidade, visava a submeter os que se opunham à grilagem e aos desmandos da reação e abria caminho à ocupação da Amazônia por grupos poderosos, em especial estrangeiros, ansiosos de explorar suas riquezas e de se apossar de imensos domínios territoriais. Objetivava igualmente esmagar toda tentativa de resistência ao regime ditatorial que, desde 1964, oprime o povo brasileiro. Seu alvo principal eram os homens e mulheres mais esclarecidos e combativos da região, os quais deveriam ser liquidados fisicamente para servir de escarmento a todos os que não se conformam com a tirania e com as injustiças sociais.

Desigual, tremendamente desigual foi a luta travada. De um lado, milhares de soldados equipados com armas sofisticadas, dispoindo de aviões e helicópteros, sob o comando de oficiais treinados nos Estados Unidos. De outro lado, o "povo da mata", portando velhas carabinas e espingardas de caça, facas e facões da labuta diária. Da parte do governo, a violência indiscriminada, a atrocidade sem limites contra as pessoas simples do interior. Da parte dos agredidos, a solida-



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

riedade e ajuda mútua, a calorosa simpatia da população.

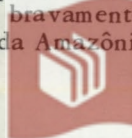
Apesar da desigualdade material, os guerrilheiros do Araguaia não se submeteram nem capitularam. Os militares, arrogantes e truculentos, pensavam dominá-los rapidamente. Enganaram-se. Embora os combatentes do povo tivessem sofrido perdas, muitas delas sensíveis, por falta de experiência, mantiveram-se firmes no combate, resistiram a várias campanhas do inimigo. Provaram ser lutadores consequentes das massas pobres do campo, gente disposta a quaisquer sacrifícios em defesa de uma causa justa.

A bandeira que levantaram continua no alto. Mesmo que temporariamente a guerrilha haja retrocedido, os ideais que encerra estão bem vivos e atuantes na consciência dos lavradores, do campesinato de todo o país, dos patriotas e democratas que não se sujeitam ao regime opressor e sanguinário dos generais vende-pátria. A heróica resistência dos moradores do sul do Pará é um chamado vigoroso às populações abandonadas e perseguidas do interior brasileiro, às massas populares que sofrem nas cidades, para se erguerem na luta decidida contra os opressores e traidores da nação. Quanto mais a ditadura persiste em sua política de fome, barbarismo e submissão ao capital estrangeiro, de ajuda à expansão do latifúndio que priva os lavradores de terra para trabalhar, maior é a ressonância daquele apelo gravado com sangue. Cada vez fica mais claro que somente através da luta armada, da guerra popular, os milhões de camponeses carentes de todo recurso tornarão realidade suas sentidas aspirações e a nação brasileira se libertará do jugo dos trustes imperialistas, da velha oligarquia reacionária, da tutela dos militares fascistas.

A resistência dos guerrilheiros da selva paraense tem profundo significado para as forças democráticas e patrióticas. Primeiro passo de uma longa caminhada, constitui um marco destacado da grande jornada pela libertação nacional, jornada cheia de dificuldades, de avanços e de recuos até à conquista da vitória. Ela assentou uma premissa correta – que o combate será fundamentalmente no interior; demonstrou uma verdade – que a guerrilha de massas espalhando-se pelas imensas áreas interioranas do país tomar-se-á invencível. Da luta guerrilheira há de surgir o exército popular, adestrado em mil batalhas, capaz de assestar golpes demolidores nas forças da reação e libertar a pátria dos seus piores inimigos.

Neste quarto aniversário da resistência armada do sul do Pará, mais convencidos ainda estão os revolucionários, os patriotas e democratas, da importância de unir o povo e de se prepararem em todos os terrenos para levar adiante a tarefa de derrubar a ditadura militar-fascista. O exemplo glorioso das Forças Guerrilheiras do Araguaia inspira os combatentes da liberdade e dos direitos do povo. E coloca na ordem do dia a necessidade de mobilizar ativamente as massas, superar as deficiências, reforçar a vanguarda proletária.

Persistindo na luta, o movimento popular acabará triunfando e realizando os nobres ideais por que lutaram e lutam bravamente homens e mulheres daquela longínqua e desamparada região da Amazônia.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

REGIME MILITAR NA ARGENTINA

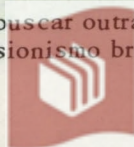
Aproveitando-se dos fracassos e da desintegração do peronismo, da incapacidade e corrupção reinantes no governo de Maria Estela de Peron, os gorilas argentinos desencadearam outro golpe militar. Eles que há três anos se viram obrigados a abandonar o Poder escorraçados pelas massas populares, voltam novamente à cena política, travestidos como sempre de salvadores da pátria e de expoentes da moralidade administrativa. Mais uma ditadura instaura-se, assim, na América Latina e, com ela, fecha-se o círculo dos governos castrenses na parte mais ao sul do Continente.

As primeiras medidas adoptadas pelos militares definem o sentido do golpe. Dissolveram o Parlamento, suspenderam a actividade dos partidos políticos, interditarão as organizações de cunho revolucionário, intervieram nos sindicatos. Decretaram a censura e proibiram as reuniões. O alvo principal de seus ataques são os marxistas-leninistas, as forças de esquerda em geral e o movimento sindical. Trata-se de um golpe essencialmente contra-revolucionário, que se enquadra na estratégia mundial do imperialismo norte-americano e responde aos interesses da velha oligarquia platense.

Não é a repetição de anteriores pronunciamentos de quartel. Tem uma conotação diferente, está relacionado com o agravamento da situação internacional e com o beco sem saída em que se encontram os regimes carcomidos desta parte do Hemisfério. Embora os generais acenem com 'posterior instauração de uma democracia republicana' – porque sabem que a nação argentina repudia o regime militar e temem rápida e adversa polarização de forças – seus objetivos são bem outros. Pretendem permanecer no Poder por longo período e bloquear, em definitivo, o caminho da volta a um sistema democrático de governo.

Esta a actual orientação do imperialismo ianque e das forças reacionárias latino-americanas. Ela exclui toda utilização de processos democráticos, toma a liberdade como nociva à ordem pública e preconiza o governo direto das Forças Armadas. É uma orientação para enfrentar o crescimento do movimento popular e revolucionário que amadurece nestas plagas. Através da repressão sangrenta e de um desenvolvimento dependente, apoiado no capital estrangeiro, as classes dominantes da América Latina tentam desesperadamente uma saída para as suas dificuldades. Afundam-se, no entanto, numa crise ainda maior e mais grave.

A burguesia argentina chegou a buscar outra solução. Perdendo terreno em vários lugares e premida pelo expansionismo brasileiro, recorreu ao peronismo



na esperança de alcançar a concórdia nacional e conseguir um desenvolvimento em certa medida terceiomundista, que lhe permitisse ocupar posições relevantes no Continente. As tentativas reformistas de Peron morreram no nascedouro. E era inevitável, porque os problemas com que se defronta a Argentina e, em geral, a América Latina, exigem a revolução, não podem ser resolvidos nem mesmo amenizados por meio de reformas de pequeno alcance que não removem as causas do atraso, da crise crônica, nem a dependência ao imperialismo.

Fracassado o governo peronista, a Argentina incorpora-se ao modelo comum reacionário-ianque. Já antes de chegar à Casa Rosada, o general Videla anunciava seus propósitos banditescos na Conferência dos Chefes de Exército do Hemisfério realizada em Montevidéu: 'Morrerão tantas pessoas quantas sejam necessárias, na Argentina, até que consigamos eliminar definitivamente a ameaça de subversão'. E da palavra passou aos atos. Dezenas de patriotas já foram assassinados por motivos políticos. A famigerada AAA está em plena ação. Os militares diziam, até há pouco, que essa organização sinistra era de inspiração lopezreguista. Os fatos mostram que não era somente de invenção de 'El brujo', mas principalmente dos serviços de inteligência das Forças Armadas. No campo econômico-financeiro, soam fortes os apelos ao capital estrangeiro e adotam-se normas para combater a inflação à custa dos trabalhadores e das massas populares. O arrocho salarial entra em vigor. Em matéria de política externa, afirma-se que a Argentina 'se insere no mundo ocidental e cristão', o que significa ao lado dos Estados Unidos. Nem bem os generais chegavam ao Poder, o ministro da Marinha do Brasil viajava a Buenos Aires a fim de discutir a chamada defesa do Atlântico Sul de particular interesse nos planos de domínio mundial dos monopolistas norte-americanos. Acertam-se medidas para o combate comum na América do Sul aos movimentos populares e revolucionários considerados como o inimigo número um.

Ainda que na linha geral dos militares platinos se destaquem certos aspectos peculiares àquele país, em essência, a orientação não difere da que vem sendo


Videla: a repressão fascista na Argentina



aplicada no Brasil e em outras nações do Hemisfério. É certo que nas Forças Armadas da Argentina há divergências e que alguns sectores empenham-se em promover uma união nacional reacionária que procure harmonizar diversas tendências dentro de um modelo político pré-fabricado. Os revisionistas argentinos estão conluídos com esses setores, desde já difundem a palavra de ordem de governonde coalizão cívico-militar. Por isso elogiam o golpe deixando à mostra sua catadura de renegados da revolução. Também o elogiam Cuba e a União Soviética. Os checoslovacos, submissos, chegaram ao despudor de dizer que a ação militar visava a combater os extremismos e a subversão. Bajulando os generais, todos eles tentam tirar proveito das circunstâncias. Contudo, a dinâmica do golpe e seus fins conduzem a outras perspectivas – ao aprofundamento da contra-revolução que não poupa nem mesmo os reformistas e ao maior entrosamento da Argentina no “mundo ocidental e cristão”.

A consumação do golpe e os projetos que encerra, no entanto, não significa que os generais consigam levar a termo seus objetivos. O povo argentino dirá a última palavra. Já uma vez derrocou a ditadura militar. A classe operária, sobretudo, deu provas de grande combatividade. Nestes três anos de insucessos do peronismo, as massas fizeram proveitosa experiência, comprovaram, na prática, que essa não era a solução para os seus problemas. Embora não se tenham reagrupado completamente sob novas lideranças, buscam o verdadeiro caminho, que o marxismo-leninismo há-de iluminar e desbravar. O alvo de sua luta, agora, está mais claro e definido. Seguramente, não darão tréguas à ditadura, isolarão os militares e seus acólitos, levarão adiante o grande combate – no qual também estão envolvidos o povo brasileiro e demais povos latino-americanos – pela conquista da democracia popular e da libertação nacional.

Os comunistas do Brasil expressam sua solidariedade aos camaradas do Partido Comunista (marxista-leninista) da Argentina, uma das primeiras vítimas da truculência golpista, e confiam que saberão superar todas as dificuldades para cumprir seu glorioso papel de vanguarda. Manifestam a esperança de que nossos povos estreitarão ainda mais os laços de fraternidade na ação pertinaz, dura e difícil, que estão chamados a realizar contra os inimigos comuns.



ESCU TA TODOS OS DIAS

RADIO TIRANA: Das 20 às 21 horas Ondas de 31 e 42 M.
Das 22 às 23 horas

RÁDIO PEQUIM: Das 19 às 20 horas Ondas de 25 e 42 M.
Das 21 às 22 horas Ondas de 19, 25 e 42 M.



CDM

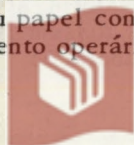
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

CONGRESSO DE EMBUSTEIROS

A realização, em fevereiro p. passado, do XXV Congresso do partido governante da União Soviética devia, como é natural, despertar a atenção de numerosas forças políticas. Não é apenas pela posição que atualmente a superpotência social-imperialista ocupa no cenário internacional, como também pelas bandeiras enganosas, contra-revolucionárias, neocolonialistas que vem arvorando e conduzindo precisamente há vinte anos, sob a capa de marxismo-leninismo criador, antidogmático. Os comunistas do Brasil, que desde o surto revisionista desencadeado pelo XX Congresso do PCUS, em 1956, tiveram de combater suas maléficas teses, mantêm-se vigilantes em face de todas as manobras e perfídias desse inimigo jurado da revolução e do socialismo, o mais perigoso de quantos já se ergueram para salvar o capitalismo e liquidar o movimento de emancipação da classe operária e dos povos oprimidos.

ESPECTACULO BURLESCO

Ao cumprir mais um ato de sua liturgia, os revisionistas soviéticos tinham em vista, como sempre, dar aparência de unidade, de força, de solidez nos campos interno e externo, apresentar vitórias onde colheram fracassos, fazer praça de intenções generosas e pacifistas quando maquinam planos agressivos e guerreiros. Em suma, procuraram mais uma vez embaír o povo soviético e os demais povos sobre a verdadeira natureza de seu regime social e de sua política demagógica e expansionista. Propuseram-se, pois, uma tarefa cada vez mais difícil, ingrata, arriscada. De um lado, porque a situação em que se encontram não é das mais invejáveis, diante do agravamento da crise econômica, política e moral dos sistemas capitalista e revisionista. De outro, porque se defrontam com uma resistência crescente, encarnçada, sempre mais forte. Com efeito, recrudescem as contradições de classe em todos os países e as contradições interimperialistas no plano mundial. Os partidos revisionistas vão aparecendo tais quais são – agentes políticos da burguesia no movimento operário, bandos nacionalistas que se identificam mais e mais com os velhos partidos social-democratas. Por conseguinte, a chamada unidade do movimento revisionista internacional se esfacela, a batuta de Moscou não tem condições de regê-la como antigamente. Em compensação, desenvolve-se a luta dos trabalhadores contra a exploração capitalista e a dos povos contra a agressão, o expansionismo e o hegemonismo dos Estados Unidos e da União Soviética. Também avançam as forças do marxismo-leninismo que se opõem ao revisionismo contemporâneo, em especial ao soviético, denunciam sua traição e o seu papel contra-revolucionário e buscam elevar a novo nível a unidade do movimento operário e comunista mundial.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

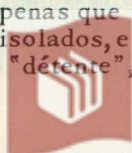
Fazendo boa cara ao mau tempo, os cabecilhas de Moscou não pouparam esforços no sentido de apresentar-se no XXV Congresso com fisionomia renovada, de retomar velhas posturas proletárias, embora sem disfarçar de todo seus uniformes de novos capitalistas. Arrebanharam perto de cinco mil representantes da camada privilegiada da burocracia partidária (os funcionários e os membros da intelectualidade aos quais eles pertencem compõem atualmente 44% do total dos efetivos do partido) para assistir ao Congresso. Trouxeram ainda delegações estrangeiras dos mais variados matizes do oportunismo, destacando-se as chefiadas por Fidel Castro e Alvaro Cunhal. Desse modo, armaram o palco para a exibição do seu espetáculo burlesco. O ator principal, Brezhnev, falou durante umas cinco horas. Em sua lengalenga, além das velhas e de novas promessas, fez tudo quanto pôde a fim de transmudar os objectivos guerreiros e expansionistas do social-imperialismo em propósitos de paz, encobrir o sentido fraudulento da política neocolonialista soviética dando-lhe o aspecto de programa internacionalista proletário, paramentando-o com sacrosantas virtudes socialistas. Toda a ladaíinha foi a expressão acabada da mentira, do descaramento. Mostrou a que ponto atingiu a camarilha dominante do partido e do Estado da nova burguesia burocrática revisionista.

A PAZ SOVIÉTICA

Ao apregoar a paz soviética, Brezhnev reiterou que a política externa do social-imperialismo propõe a chamada distenção objetivando reduzir o perigo de uma guerra mundial. Segundo sua lógica, as relações com os Estados Unidos são "decisivas" para o desiderato revisionista. Queixou-se no entanto de que seus esforços estejam sendo bloqueados por "circulos influentes" norte-americanos. Tentou desmentir que a União Soviética represente qualquer ameaça no Oriente ou no Ocidente ou que projete atacar outros países. Contestou igualmente ter aumentado a produção de armas, pois os governantes soviéticos se dedicam a "elevar o bem-estar do povo".

Com a finalidade de incitar o frenético coro antichinês do Congresso, Brezhnev reservou em sua arenga um capítulo especial a China, acusando-a de belicosa, de executar uma política dirigida contra a "maioria dos Estados Socialistas". Apontou o "maoísmo" como o principal inimigo, embora, hipocritamente, advertisse estar disposto a manter a luta contra o mesmo no terreno dos "princípios".

Dessarte, o XXV Congresso não conseguiu velar seus reais objetivos nem camuflar o significado da "paz soviética". Brezhnev não atou os cabos ao tentar impingir sua política de "détente" como a única maneira de salvar a paz, e ao turvar as águas indicando a China de Mao Tsetung como a promotora da guerra. Não é de hoje que os revisionistas procuram confundir os povos e negar o caráter agressivo do imperialismo norte-americano, seus planos de hegemonia mundial. A seu modo de ver, o caminho da paz está no entendimento e na colaboração com os Estados Unidos. Bastaria apenas que os "reacionários", ou os "circulos influentes" desse país fossem isolados, e derrotados para que a paz reinasse na terra. Portanto, colaboração, "détente", apaziguamento com os im-

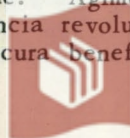


perialistas ianques sensatos – eis o leit-motiv dos social-imperialistas. Em contrapartida, os comunistas chineses seriam o verdadeiro perigo. Segundo teses revisionistas soviéticas, o caráter da sociedade socialista da China é guerreiro. Como se vê, esse é um procedimento de embusteiros. Querem fazer passar gato por lebre, desorientar a opinião pública. Procuram ocultar que a causa maior do perigo de guerra na atualidade reside no aguçamento da disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética pela hegemonia mundial, fontes de matérias-primas, esferas de influência e posições estratégicas. É inegável que entre as duas superpotências existem contradições que tendem a se acentuar e podem levar à guerra. Tanto assim que ambas se empenham numa desenfreada corrida armamentista e reforçam seus bastiões militares e políticos em toda a parte, Na Europa, por exemplo, apesar da conversa fiada sobre a “détente”, a União Soviética jamais perdeu uma oportunidade de expandir seus ganhos, pois sabe ser o continente europeu crucial em seus planos hegemônicos. Também por mais que sofisme, o fato é que o orçamento de guerra do Cremlin não diminuiu e sim cresceu. Os marechais revisionistas armazenam armas de todo tipo, especialmente as de ataque. Chegam mesmo a anunciar, em forma de chantagem, que são capazes de produzir engenhos mais mortíferos do que os que já possuem. A Marinha Soviética expande-se consideravelmente e tem nítido caráter ofensivo. A indústria e o comércio de armamentos da URSS são dos mais lucrativos e prósperos, ombreado-se nesse terreno com os dos Estados Unidos. O governo egípcio vem de denunciar a catadura do social-imperialismo como mercador de armas, que cobra adiantado ou recebe juros extorsivos pelas dívidas resultantes desse negócio macabro.

Comparemos as juras de amor e eterno entendimento com os Estados Unidos ao comportamento dos revisionistas com a China a fim de aquilatar a vileza da atitude soviética, a mais indigna que se possa imaginar. O pisoteio, o menosprezo ao grande país socialista da Ásia e baluarte da revolução mundial começaram assim que Kruschov e sua camarilha usurparam o poder na União Soviética. Não admira pois que Brezhnev continue a injuriar a China e tenha mandado atacá-la, que concentre centenas de milhares de soldados em sua fronteira, promova constantes provocações e atos de espionagem contra ela, e, por meios diplomáticos, envide tudo para pressioná-la e cercá-la. Isso comprova ser a URSS um país social-imperialista que não pode suportar como vizinha uma nação socialista, independente, soberana. Mas a pacífica pátria de Mao Tsetung nada deve aos social-imperialistas e jamais os teme. Assim, continuará desmascarando-os e lutando para formar a indispensável frente-única dos povos contra o neocolonialismo e o hegemonismo das duas superpotências.

O INTERNACIONALISMO REVISIONISTA

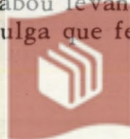
Sem se dar por achado, Brezhnev apregou no XXV Congresso o internacionalismo revisionista como sendo o internacionalismo proletário, presumindo que os povos não têm memória e que é possível passar de contrabando essa intrujice. Para cúmulo do cinismo, apresentou o exemplo de Angola como a última manifestação dessa fraude. “Agimos em Angola – disse – segundo os ditames de nossa consciência revolucionária”. Jurou de mãos postas que a União Soviética não procura benefícios para si, não aspira



ao predomínio político nem pede bases militares. Faz exatamente o que procura negar. Sem dúvida, o exemplo de Angola é o último e o mais típico de uma série de escandalosos atos de traição, intervenção e agressão aos povos que o bando revisionista russo proclama estar ajudando desinteressadamente.

Que significa, segundo Lênin, o internacionalismo proletário efetivo, e não de palavras? 1) Subordinar o interesse da luta proletária num país aos interesses da luta em escala mundial; e 2) A nação que obteve a vitória contra a burguesia deve ser capaz e estar disposta a fazer o máximo de sacrifícios nacionais em benefício da derrubada do capital internacional. Mesmo examinando por alto este princípio, não se aplica de forma alguma à conduta da camarilha dirigente da URSS. Sem querer estender demasiado o inventário de suas falcatruas, lembramos que foi essa camarilha que dividiu o movimento operário e comunista internacional e procurou aliar-se ao imperialismo norte-americano para liquidar o movimento revolucionário das massas trabalhadoras e dos povos oprimidos. Tratou a Albânia e a China Popular como inimigas, rompendo tratados e acordos firmados anteriormente em termos de fraternidade, ocasionando-lhes prejuízos incalculáveis e tentando, ainda por cima, impô-lhes seu *diktat*. Na chamada crise dos foguetes, de 1962, em Cuba, capitulou vergonhosamente frente aos imperialistas estadunidenses e permitiu ofensas à soberania cubana. Apoiou, na prática, nesse mesmo ano, o criminoso ataque da Índia à China, recriminando a esta por ter-se defendido. Diante da agressão do imperialismo yanque no Vietnã, fez jogo duplo, jamais se arriscando a colocar seu poderio militar a serviço da heróica causa do povo vietnamita, o qual teve de fazer ingentes sacrifícios a fim de vencer a guerra de salvação nacional. Sob a inspiração da doutrina Brezhnev de "soberania limitada", mobilizou suas tropas e as de seus satélites do Pacto de Varsóvia para invadir e ocupar a Checoslováquia, e ainda lá se mantém contra a vontade do povo checoslovaco, que não aceita o "socialismo" soviético imposto pela força. Promoveu um ataque em vasta escala de suas tropas contra a China nos conhecidos "incidentes do rio Ussuri", tentando abocanhar novos territórios chineses. Não ajudou o povo cambiano em sua justa guerra libertadora contra os imperialistas norte-americanos, antes reconheceu o governo do laçao Lon Nol e intrigou até ao fim enquanto durava a resistência cambjana.

Passemos por alto os acontecimentos que vitimaram Lumumba, líder do povo do Congo, hoje Zaire, os que ocorreram no Egito e demais países árabes e os que concorreram para o desmembramento do Paquistão. Vejamos a questão de Angola. A intervenção soviética nesta nação, que vinha de se libertar do colonialismo lusitano, ao invés de manifestação clara de internacionalismo proletário é prova do neocolonialismo social-imperialista. A União Soviética quer substituir em Angola o velho domínio português pelo seu, mascarado de amigo, de progressista, ou de que mais seja. Com tal manobra, visa a penetrar, a expandir-se no continente africano e explorar seus povos. Com a independência, os angolanos deviam resolver suas disputas internas sem nenhuma interferência estrangeira. No entanto, quer os Estados Unidos por intermédio da África do Sul e de outros agentes, quer a União Soviética, diretamente ou através de Cuba, intrómeteram-se em Angola. Quem acabou levando vantagem foi o bando soviético. Fidel Castro, todo empavonado, julga que fez um brilhaço ao prestar "aju-



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

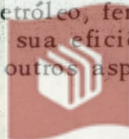
da" aos angolanos de Agostinho Neto. Na realidade, atuou como força auxiliar do exército moscovita. Não há argumentos que consigam convencer alguém de que as tropas cubanas estejam do lado do progresso e da emancipação dos povos quando se encontram em companhia do tigre soviético, que lhes paga as armas e as contas, embora dizendo que Cuba age de modo independente.

Nós, os marxistas-leninistas do Brasil, também damos nosso testemunho sobre o propalado internacionalismo dos revisionistas soviéticos, a respeito do valor de sua decantada ajuda às forças revolucionárias de outros países. Ao buscar desenvolver-nos da camarilha de Prestes, cem por cento acumpliciada com o PCUS, fomos alvo de sórdida campanha de calúnias por parte de Kruschov e seus lacaios. No V Congresso de nosso Partido, em 1960, quando ia aceso o debate dos marxistas-leninistas contra os revisionistas, eles intervieram, através principalmente dos revisionistas franceses, dando apoio ostensivo ao grupo encabeçado por Prestes, com o intuito de impôr a linha oportunista aos comunistas brasileiros. Mais tarde, em 1963, o próprio Kruschov, vendo que Prestes e seus apaniguados se desmoralizavam, saiu à liça para atacar publicamente os camaradas que haviam assumido a sagrada tarefa de reorganizar o Partido Comunista do Brasil, classificando-os de "grupo anti-partido". Imediatamente, porém, levou o troco que merecia. Em Carta-Aberta, de resposta, nosso Partido demonstrou que o procedimento de Kruschov se contrapunha objetivamente ao movimento revolucionário do povo brasileiro, era uma intervenção descabida e uma infração às normas que regem as relações entre os partidos comunistas. Após o golpe militar de 1964, a União Soviética aproximou-se da ditadura militar-fascista e com ela vem colaborando cada dia mais estreitamente, em todos os sentidos. Atualmente ocupa o 5º lugar entre os maiores importadores de produtos do Brasil e acha-se envolvida em negócios de vulto, como o da construção da Usina Hidrelétrica de Capivara. No acordo comercial de março de 1975, a superpotência social-imperialista abriu crédito ilimitado à ditadura a fim de facilitar a compra de marcadorias soviéticas.

Aprendemos dessa forma a distinguir o verdadeiro internacionalismo proletário do falso, a ver no tão celebrado internacionalismo revisionista soviético a carantonha do chovinismo grão-russo, dos apetites tzaristas. A causa do internacionalismo proletário caracteriza-se, hoje, antes de tudo, pela luta sem tréguas para impedir que a União Soviética e os Estados Unidos se intrometam em toda a parte procurando tirar proveito e submeter os povos a seu domínio. Cada povo tem o direito e o dever de tomar seu destino em suas próprias mãos. E isto só pode ser alcançado no combate ao imperialismo, ao neocolonialismo e ao hegemonismo, bem como pela igualdade efetiva das nações.

FALSOS ÊXITOS ECONÓMICOS

No XXV Congresso, a exaltação dos êxitos económicos tomaram muito tempo e papel. Brezhnev, Kossiguin e seus comparsas diligenciaram em mostrar os elevados índices da produção de aço, petróleo, fertilizantes, etc. Os burocratas e tecnocratas quiseram, assim, provar sua eficiência. Mas ao se referirem à agricultura, aos bens de consumo e a outros aspectos da economia e da vida

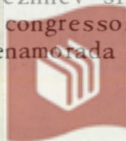


social, a camarilha revisionista mudou de tom. É que os índices nesses setores já não podiam ser manipulados facilmente. São conhecidas, por exemplo, as espetaculares importações de trigo dos Estados Unidos e do Canadá. Por sua vez, os turistas estrangeiros constataam que mesmo em cidades como Moscou, Leningrado e outras, abastecidas preferencialmente, o pão escasseia, os artigos de primeira necessidade são de má qualidade e insuficientes. E assim por diante. Os chefetes revisionistas tiveram, portanto, de admitir parcialmente seu fracasso, confessando que suas promessas não foram cumpridas. Não obstante, sacudiram a responsabilidade para outros ombros, mais em baixo, foram buscar bodes expiatórios nos "órgãos centrais desses setores" que "parecem ter subestimado a importância política" de suas tarefas. E como tal importância deve ser compreendida? Segundo Brezhnev, a solução para o problema da agricultura e da abundância de bens de consumo está em maiores investimentos e mais eficiência administrativa. Mas esta é a solução típica de burocratas e tecnocratas empedernidos. Desse modo, não se toca na questão da natureza do regime, da política seguida. Ora, enquanto o regime for burguês-burocrático e sua orientação estiver voltada para satisfazer a minoria privilegiada, acelerar a corrida armamentista, reprimir os adversários, os revisionistas podem gastar os rublos que quiserem, mudar os ministros e burocratas que bem entenderem, fazer as promessas que fizerem — a situação continuará se agravando. Indiscutivelmente, para que as massas trabalhadoras soviéticas possam ver satisfeitas suas necessidades vitais, precisam tomar a palavra e agir, enfrentando a camarilha traidora.



Embusteiros

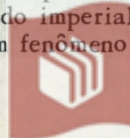
De qualquer forma, ficou evidente que as jactanciosas promessas de implantação do comunismo em vinte anos, feitas por Kruschov no XXII Congresso, foram diplomaticamente deixadas de lado, assim como seu patrocinador, considerado "subjetivista" ou trapalhão. Os novos projetos são anunciados agora com "mais realismo". Astutamente, Brezhnev silencia sobre os decantados objetivos programáticos dos anteriores congressos revisionistas. No entanto, na prática, a direção da URSS continua enamorado do modo de vida norte-ameri-



cano, louca por conseguir empréstimos nos Estados Unidos e negociar de igual para igual com seus banqueiros e monopólios que já se instalam em profusão nas terras soviéticas. O modelo capitalista ianque é a quintessência da civilização sonhada pelos revisionistas de Moscou. Torna-se quase impossível esconder a evidência de que o atual desenvolvimento econômico da União Soviética é capitalista burocrático. Em consequência, jamais poderá atender os interesses das massas, satisfazer seus anseios, incentivar sua participação nas decisões políticas e na distribuição da renda nacional. Tampouco contribuirá para o seu progresso espiritual e cultural. O grande Lênin, fundador do Estado Soviético, e Stalin, seu discípulo e continuador sempre defenderam o ponto de que a condição indispensável para o progresso político e social das massas reside na existência da ditadura do proletariado, a qual deve ser mantida até a abolição das classes, até a extinção do Estado. Foi precisamente a ditadura do proletariado que os revisionistas repudiaram quando usurparam o poder na URSS. Eles acabaram restaurando e implantando a ditadura burguesa sob o rótulo de "Estado de todo o povo". Vieram abaixo, assim, paulatinamente, pacificamente, as imensas conquistas socialistas argamassadas com o sangue e o sacrifício de milhares de lutadores, tanto soviéticos como de outros países. Para recuperar essas conquistas e avançar no caminho do comunismo é imperativa e urgente uma nova revolução proletária.

PRETENSÃO ABSURDA

Brezhnev e seus sequazes, dando-se ares de importância, fizeram críticas no XXV Congresso aos desvios nacionalistas e oportunistas dos demais partidos revisionistas. Fingiram de intérpretes da doutrina marxista-leninista e esqueceram a paternidade, que com justiça lhes cabe, de todas as descabeladas manifestações antimarxistas e contra-revolucionárias difundidas desde o XX Congresso. De fato, os cabecilhas do Crêmlin não têm autoridade nenhuma para repreender ninguém de nacionalismo e de oportunismo. Por outro lado, sempre agindo como predestinados e tomando para si mesmos o privilégio de colocar-se acima das críticas e dos desvios de qualquer natureza, carimbam de anti-sovietismo e ameaçam com as piores penalidades quem quer que venha a duvidar da sua onisciência ou de sua conduta. Além de falsa, ridícula, essa pretensão é absurda. Primeiro, porque os revisionistas soviéticos são os maiores renegados da história do movimento comunista internacional; segundo, porque provocaram a divisão e toda a sorte de distúrbios com sua infame apostasia; e terceiro, porque é cada vez maior o número de revolucionários, de marxistas-leninistas que se sentem no dever de atacá-los e desmascará-los, sem temer acusações e sanções. O mais especioso, porém, é o fato de os revisionistas soviéticos insistirem em unir a família revisionista, em promover reuniões internacionais para elaborar programas e iniciativas conjuntas. Basta recordar que o revisionismo contemporâneo teve origem na crise e na pressão da burguesia de cada país sobre o destacamento político do proletariado, assim como da pressão e da corrupção empregadas pelo imperialismo. Mesmo na União Soviética, apesar de suas particularidades, o revisionismo foi produto da pressão interna da burguesia burocrática e da pressão externa do imperialismo. Dessa forma, o revisionismo contemporâneo converteu-se num fenômeno internacional. A despeito dis-

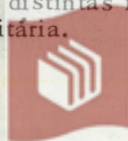


so, cada partido revisionista é antes de tudo obediente aos interesses da burguesia de seu próprio país. Nos partidos revisionistas da Itália e da França, por exemplo, é possível que existam agentes do social-imperialismo soviético, mas isto não invalida que eles, no fundamental, sejam instrumentos da burguesia italiana e da francesa com a tarefa de decompôr o movimento operário e revolucionário e salvar o capitalismo. Certamente, continuarão erguendo bandeiras marxistas-leninistas, porquanto atualmente se torna difícil, em alguns países, enganar a classe operária e sustentar governos burgueses com simples bandeiras reformistas ou social-democratas. A medida, contudo, que a crise do capitalismo aumenta e o problema da revolução se apresenta mais agudo e premente, esses partidos, se bem que sustentando posições pseudo marxistas-leninistas e internacionalistas, vão abandonando e renegando abertamente as teses fundamentais do marxismo-leninismo e apresentando-se como na realidade exige a burguesia - reformistas, nacionalistas, contra-revolucionários, anticomunistas. Não é de estranhar pois, que a requestada unidade internacional dos revisionistas e seus programas comuns sejam adiados para as calendas...

*
* * *

Já vão distantes os tempos em que os congressos do Partido criado por Lênin e posteriormente dirigido por Stalin durante trinta anos, constituíam um grande acontecimento na vida dos povos, eram sinal de vitalidade do movimento revolucionário e comunista, representavam marcos de novas conquistas sociais e políticas da classe operária e das forças progressistas, infundiam esperanças e abriam largas perspectivas contribuía para fazer avançar a doutrina marxista-leninista. Ao se apoderarem da direção do PCUS, os revisionistas fizeram no mudar totalmente de cor, transformaram-no num agrupamento sem princípios, chovinista, social-fascista, que se prepara ativamente para esmagar pela força as aspirações socialistas do povo soviético e a luta pela liberdade, independência nacional e progresso social dos demais povos. Por conseguinte, o XXV Congresso teria inevitavelmente de revelar a decadência dos revisionistas soviéticos, sua negação em face do brilhante futuro para onde caminha a Humanidade. O ambiente em que transcorreu foi cinzento, lúgubre. Nada de novo podia apresentar. Exibiu como teoria marxista-leninista surradas teses oportunistas e ecléticas e exaltou a burocracia e a tecnocracia. Refletiu a profunda crise em que está mergulhado o revisionismo contemporâneo e, em particular, o soviético.

É claro que os revisionistas jamais chegariam a essa conclusão em seu Congresso. Entretanto, nos dias de hoje, eles são os mais perigosos inimigos do movimento revolucionário e comunista. A União Soviética converteu-se numa superpotência que rivaliza e se conluiava com os Estados Unidos tendo em vista a hegemonia mundial, ameaçando de agressão todos os países. O revisionismo kruschovista representa a ideologia do social-imperialismo, herdeiro das ambições expansionistas do tzarismo russo. Exprime o domínio da nova burguesia burocrática que colocou sob seu controle a poderosa base econômica nacionalizada do país, dela extraindo através de distintas formas de apropriação, altos proventos para viver de maneira parasitária.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

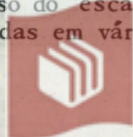
Ao fazer a União Soviética regressar pacificamente do socialismo para o capitalismo e transformá-la numa potência social-imperialista, a camarilha revisionista encheu de júbilo os inimigos da classe operária no mundo inteiro. Mas a máscara que afivelaram está caindo aos pedaços, não pode ser conservada por muito tempo. Estende-se e aprofunda-se o movimento de resistência das forças progressistas e revolucionárias contra todas as suas maquinações e felonias. Em particular, a heróica Albânia Popular Socialista e a grande China Socialista estão na estacada, e são exemplos de edificação do socialismo, de democracia para as massas, de nações independentes e soberanas, de coerência internacionalista. Por isso, estamos seguros de que o fim do revisionismo e do social-imperialismo é inevitável. A classe operária e as massas trabalhadoras soviéticas, apesar de adormecidas ou enganadas, acabarão por despertar e darão outro grande passo adiante, pelo caminho da ditadura do proletariado, em direção ao socialismo e ao comunismo.

As gloriosas tradições bolcheviques não morreram na União Soviética. Confiemos nas previsões do grande Lênin – nas batalhas futuras contra o revisionismo e em defesa do marxismo-leninismo, serão ainda maiores os triunfos da classe operária, do movimento revolucionário.

POLÍTICA DE FOME

O aumento do custo de vida tem alcançado proporções extremamente elevadas. Segundo dados divulgados recentemente, pela Fundação Getúlio Vargas, o aumento do custo de vida em fevereiro de 1976 foi de 5,8%, o maior dos últimos sete anos. Nos dois primeiros meses já atingiu 9,6%, o dobro do de igual período do ano passado. Nos últimos meses a altados alugueis foi de 58,2%, dos serviços públicos de 36,1% e da alimentação 35,6%. Ao analisar a evolução dos preços de certos produtos vitais para a população pode-se compreender melhor a repercussão do encarecimento da vida na situação das massas. A carne, por exemplo, alimento essencial, entre 1972/75 teve os seguintes aumentos: alcatra, 222%; chã, patinho, lagarto, 210%; pé, 168%; acém, peito, 119%. O feijão tem tido altas assustadoras. Evoluíu de quatro cruzeiros para sete no ano passado, atingindo atualmente 10 e até 13 cruzeiros. O café, que em 1974 custava Cr\$ 9,00 subiu, em 1975 para Cr\$ 22,00 e hoje está a Cr\$ 32,40. Ou seja, de 1974 até agora houve um acréscimo da ordem de 350% no preço do café. Também foram grandes os aumentos do óleo e do arroz. O leite será aumentado duas vezes este ano e fala-se na alta do açúcar. O delegado da SUNAB em São Paulo expressou, cristalinamente, a política antipopular do regime ao afirmar que 'o café é para exportar e não para o povo ficar bebendo, em detrimento da economia nacional. O povo deve estar disposto a se sacrificar para a grandeza do país'.

Além da brutal elevação dos preços, muitas mercadorias são vendidas com adulteração no peso. Isto ocorreu no caso do 'escândalo do óleo' em que milhares de latas do produto foram apreendidas em vários Estados, pois continham



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Há uma quase total liberdade para a abusiva subida de preços. A chamada 'política de controle de preços' é praticamente inoperante. Além de incidir de forma mais decisiva sobre os gêneros que compõem o índice do aumento do custo de vida, o regime termina por favorecer os grandes produtores, em detrimento do povo. Foi o que aconteceu com a carne, o óleo, o leite e outros alimentos. Quando os produtores não estão conseguindo obter lucros exorbitantes, simplesmente retiram os produtos do mercado e forçam a ditadura a decidir em função de seus interesses.

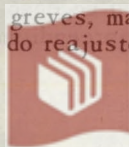
O ARROCHO SALARIAL

Enquanto sobem os preços, com vultuosos lucros para as classes dominantes, o regime dos militares mantém a "punho de ferro" a política do arrocho salarial. Um ex-deputado federal, cassado, antigo membro da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os salários, afirmou que "a ração básica hoje custa em qualquer supermercado, algo na ordem de 320 cruzeiros por pessoa. Numa família média com dois adultos e duas crianças só a alimentação custaria Cr\$ 960,00, em São Paulo". Falando acerca do salário mínimo, afirmou: "se nós quiséssemos recuperar o poder de compra de 1964 o salário-mínimo deveria ser de Cr\$ 1.350,00". Tais declarações foram feitas em novembro de 1975, portanto não levavam em conta a substancial elevação do custo de vida deste início de ano. Não obstante, o salário-mínimo de São Paulo é de Cr\$ 532,80. Por maior que seja o aumento previsto para maio, ele será irrisório face às necessidades mínimas dos trabalhadores. Há, pois, uma profunda contradição entre o nível dos salários e a alta dos preços. No relatório "Dez anos de Política Salarial" apresentado à CPI sobre salários, o DIEESE concluiu que em 24 categorias de trabalhadores de todo o país houve uma perda de 30% do poder aquisitivo, ou seja, em 1974 o salário representava pouco mais de 2/3 do que valia em 1964. Em algumas categorias equivalia somente a 44% do valor anterior. Estes dados são mais chocantes quando se sabe do propalado crescimento do PIB neste período. A situação é, pois, cristalina: houve um enorme enriquecimento da burguesia, sobretudo da grande burguesia brasileira e da estrangeira que aqui opera, bem como dos latifundiários, e um empobrecimento progressivo das massas.

A intensificação da exploração da força de trabalho se manifesta sob diversas outras formas. Exemplo disto são as chamadas horas-extras, ardil utilizado pelo patronato para ampliar a jornada de trabalho. Além disto, há a intensificação dessa jornada, a exploração do trabalho de crianças e o trabalho aos domingos e feriados que, embora proibido pela CLT, é uma prática generalizada em inúmeras empresas.

A causa desta situação reside na política antipopular e antioperária da ditadura, Discursando no Seminário de Salzburg a respeito da fórmula de reajustamento salarial adotado no país, isto é, sobre a política do arrocho salarial, Simonsen afirmou: "A fórmula de reajuste serve para simplificar e destigmatizar a aplicação do reajuste de salários nos dissídios coletivos; esses não são mais decididos na base de pressões ou

greves, mas por um rápido cálculo matemático reajuste significa para os governan-



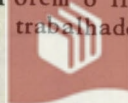
tes, impôr um salário de fome aos trabalhadores e impedi-los de lutar por seus direitos. A farsa da ditadura de pretender apresentar sua fórmula de reajuste como sendo "técnica, matemática" e não "política", está desmoralizada. O deputado Alceu Colares, presidente da CPI sobre salários declarou que "estamos desmascarando a política salarial do governo alegadamente matemática, mas profundamente política". Qualquer um está cansado de saber que as relações sociais estão regidas não por leis técnicas, frias, mas sim pelas leis da luta de classes. Por isso mesmo o regime procura retirar do proletariado os meios de exigir seus direitos. A prática rem demonstrado que a "fórmula matemática" da ditadura é calculada de maneira a burlar ao máximo a realidade. Assim, o chamado resíduo inflacionário dos períodos seguintes ao do reajustamento sempre foi calculado muito abaixo do que na verdade aconteceu. Com a taxa de produtividade ocorreu o mesmo. Enquanto se falava em produtividade de 7% o índice que entrava no cálculo do aumento salarial era de 3,5%.

Ademais da política salarial várias outras medidas foram tomadas pela ditadura, no sentido de facilitar a maior exploração da classe operária. Discorrendo perante a CPI, o presidente do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte afirmou que "a liberdade de admissão e demissão de empregados concedida pelo FGTS, assim como a lei de greve atualmente em vigor, que praticamente impede sua realização, deixa os patrões bastante à vontade para negar as mínimas reivindicações dos trabalhadores".

Mais recentemente a ditadura vem alardeando que no ano passado os aumentos salariais estiveram acima do índice de inflação. Sabemos bem, entretanto, como são elaboradas estas estatísticas. De qualquer forma a questão essencial está em restituir ao trabalhador um salário que lhe permita viver com certa dignidade. Não é isto o que regime pretende. Recentemente, Simonsen anunciou que "o governo não planeja nenhuma modificação substancial na política salarial e que o salário mínimo a ser fixado em maio continuará calculado em termos da lei". Ou seja, a política salarial de Geisel continua sendo uma política de fome.

A LUTA DA CLASSE OPERÁRIA

A produção da mais-valia, a apropriação do trabalho não pago, é a característica básica da produção capitalista. No Brasil a taxa da mais-valia ampliou-se consideravelmente com a ajuda da política antioperária da ditadura, estimulando um "crescimento acelerado" da economia, uma acumulação crescente de capitais a custa da miséria dos trabalhadores. A ampliação do trabalho não pago e, portanto, a redução do trabalho pago tem limites. Não somente o limite físico do trabalhador que necessita de um mínimo sem o qual não tem condições sequer de produzir, como também os limites econômicos e sociais. Do ponto de vista econômico o agravamento da exploração capitalista conduz o sistema a uma crise de produção, a um excesso de mercadorias e a um limitado mercado consumidor. Não foram gratuitos os resmungos da burguesia quanto aos "excessos da política salarial" da ditadura. Porém o limite mais decisivo é aquele imposto pela própria luta das massas trabalhadoras.



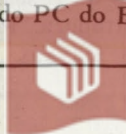
quantidades bem inferiores às indicadas no rótulo. Em Brasília denunciou-se a venda de botijões de gás com 10 quilos, como se tivessem 13.

Em São Paulo, diversos setores da classe operária já fizeram manifestações de protesto e várias greves neste início de 1976. Mil e quinhentos operários da fábrica de calçados Arco-Flex revoltaram-se contra o não pagamento do 13º salário, em dezembro de 1975, destruindo máquinas e sapatos e paralisando a produção. Setecentos trabalhadores da fábrica de isqueiros Component S/A paralisaram o serviço no dia 12 de fevereiro em decorrência do atraso de salários, conseguindo atingir seu objetivo. Na Nebratec, através de um abaixo-assinado, os operários conquistaram uma regulamentação do horário de trabalho, suprimindo o excesso de horas trabalhadas que estavam sendo apropriadas pela firma. Em fevereiro, duzentos operários da SAAD do Brasil, revoltados com o atraso dos salários depredaram duas portarias da fábrica localizada em São Caetano. Em março, mais de oitocentos trabalhadores da Cetenco destruíram os guichês da empresa por demora do pagamento. Manifestações destes tipos indicam, por um lado, que se expressa de forma aguda, sobre as empresas, a situação de crise econômica vivida pelo país. Por outro lado, mostram que as massas trabalhadoras não mais estão dispostas a continuar sendo sugadas em seu sangue para encher os cofres dos capitalistas nacionais e estrangeiros.

A situação de crise econômica enfrentada pelo país tende a agravar a penúria das massas já que as classes dominantes procuram fazer recair sobre os ombros do povo os ônus da crise. Cabe aos comunistas e aos democratas levantar com vigor a bandeira da luta contra a carestia e por melhores salários, pela liberdade sindical, contra a lei de greve dos generais e em defesa das liberdades democráticas. É indispensável aproveitar cada caso concreto para esclarecer os trabalhadores a respeito de sua situação real. Desenvolver a mobilização das massas por objetivos que expressem suas aspirações do momento. Organizar a classe operária, sobretudo ao nível de empresa. Enfim, combinar a luta da classe operária e das massas com a luta geral contra a ditadura militar-fascista e pela democracia.

"Cria-se um impasse entre a expressa vontade da maioria da nação e os intuitos ditatoriais e continuistas dos militares, impasse que só pode ser resolvido com a derrocada do regime arbitrário. Este regime precisa ser liquidado e não "aprimorado"; derrubado e não ajeitado ou adaptado às circunstâncias. Tal a exigência do povo. É também questão de salvação nacional. Sob o governo discricionário, o país marcha para a insolvência, para a completa submissão aos interesses estrangeiros, para a degradação de boa parte da população. Qualquer contemporização com esse regime representa um crime contra o povo e a Pátria".

(Da Mensagem aos Brasileiros, do PC do Brasil, janeiro de 1975)



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois